

Consciência crítica e ética em Paulo Freire: uma reflexão sobre o sentido da religião em tempos de fundamentalismos

André Luiz Boccato de Almeida*

Resumo

O presente artigo tratará de Paulo Freire, a partir da ótica da educação e consciência crítica no horizonte dos fundamentalismos, e do sentido da religião. O autor contribuiu como educador para a emancipação do sujeito em sua real condição, ao desmistificar as camadas opressivas presentes na consciência. Dele se pode extrair um relevante aporte no que tange ao fenômeno do fundamentalismo religioso atual. Este se caracteriza por uma negação da capacidade crítica em sua experiência de fé. Assim, esta reflexão se propõe a colher da visão freireana uma possível contribuição para uma perspectiva crítica diante do fundamentalismo religioso. O artigo, para este intento, trilhará o seguinte caminho. Primeiro, será apresentado o fenômeno do fundamentalismo religioso atual com seus desafios; depois, percorrerá os conceitos de educação e consciência crítica em Paulo Freire; por fim, será evidenciado o contributo do pensamento de Freire diante do fenômeno indicado.

Palavras-chave: Paulo Freire; educação; consciência; fundamentalismo religioso.

* André Luiz Boccato de Almeida (PUC-SP). Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Doutor em Teologia Moral (Universidade Lateranense de Roma/Afonsiana). Mestre em Teologia (PUC-SP). Especialista em Educação Sexual (UNISAL) e Psicanalista. Professor de Teologia na PUC-SP e na Unisal (PIO XI). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0547-5879>.

Critical Awareness and Ethics in Paulo Freire: A Reflection on the Meaning of Religion in Times of Fundamentalism

Abstract

This article will deal with Paulo Freire, from the perspective of education and critical awareness in the horizon of fundamentalisms, and the meaning of religion. The author contributed as an educator to the emancipation of the subject in his real condition, by demystifying the oppressive layers present in the conscience. A relevant contribution can be extracted from it regarding the phenomenon of current religious fundamentalism. This is characterized by a denial of critical capacity in their experience of faith. Thus, this reflection proposes to gather from Freire's vision a possible contribution to a critical perspective in the face of religious fundamentalism. The article, for this purpose, will follow the following path. First, the phenomenon of current religious fundamentalism will be presented with its challenges; then, it will cover the concepts of education and critical awareness in Paulo Freire; finally, the contribution of Freire's thought in the face of the indicated phenomenon will be highlighted.

Keywords: Paulo Freire; education; consciousness; religious fundamentalism.

Recebido em 26/04/2022. // Aceito em 01/10/2022.

Introdução

No ano de 2021 comemorou-se o centenário de nascimento do grande educador e pensador brasileiro Paulo Freire. Dele é possível colher muitos frutos positivos como também inúmeras incompreensões provenientes do desconhecimento de sua pessoa e do seu agir. Seu pensamento é rico porque acena para uma teoria da consciência no campo educacional que indica uma proposta libertadora de ser humano. No atual cenário brasileiro, marcado por ambiguidades, ambivalências e contradições profundas que vêm à tona, expressões ideológicas, polarizadoras e até fanáticas, também ocupam a discursividade midiática e consciências humanas. Há uma desconstrução da ideia de que o ser humano pode ser educado.

Destarte, no que tange à educação, há um trabalho ainda a ser feito de forma estrutural e orgânica. Para isso, é necessário resgatar uma visão integral de ser humano que motive de forma criativa o educador e o educando a assumir a tarefa de buscar mais que a assimilação de conteúdos, tendo em vista uma verdadeira formação crítica nos tempos atuais. É urgente retornar a uma consciência crítica, propiciadora de um projeto que coloque o ser humano e as suas possibilidades no centro do debate religioso. Diante dessas iniciais constatações, faz-se urgente resgatar uma visão que priorize a inteligência questionadora das pessoas.

É a partir disto que esta reflexão pretende retomar o pensamento de Paulo Freire sobre a consciência e a educação crítica diante do cenário religioso e do fundamentalismo religioso reinante no atual contexto brasileiro. Há muito que se refletir sobre essa questão que tanto interpela as consciências pensantes,

de um certo modo indignadas por uma falta de compreensão diante dos fatos. Deste modo, o artigo pretende abordar essa questão mediante: apresentação do fundamentalismo religioso atual e seus desafios emergentes; demonstração da importância do pensamento freireano sobre a educação e a consciência crítica; e, por fim, dissertação acerca da contribuição do pensamento de Paulo Freire diante do fundamentalismo religioso.

1 O Fundamentalismo religioso atual e os seus desafios

A questão a respeito do fundamentalismo religioso e suas consequências tem desafiado a sociedade e, assim como as outras formas de fundamentalismos, tem gerado consequências desastrosas no tecido social atualmente.

O uso da palavra no plural, ou seja, “fundamentalismos”, é necessário para identificar suas várias formas, de acordo com os diferentes contextos culturais e religiosos – de origem e desenvolvimento. Segundo Pace e Stefani, a utilização da palavra no plural respeita a especificidade, as diferenças e os motivos contingentes que o fenômeno apresenta nos diversos contextos, salientando que os movimentos fundamentalistas surgem no seio de grandes religiões (PACE e STEFANI, 2002, p. 15-16).

Assim, partindo dos próprios pressupostos estabelecidos por Paulo Freire a respeito de uma educação que deve conduzir a uma conscientização, ou seja, a uma consciência crítica a respeito também desse objeto de estudo, é importante, primeiro, entender o conceito de fundamentalismo religioso ou até mesmo de fundamentalismos e seu surgimento.

É relevante dizer que não se pretende esgotar a questão nessa oportunidade, mas apenas considerar o que se entende

como fundamentalismo atualmente, bem como suas questões e seus desafios, na busca de um caminho propositivo por meio do pensamento freireano, com base em seus conceitos sobre educação e consciência crítica e, por consequência, refletir sobre o sentido da religião diante desse cenário.

Consoante afirma Vasconcelos, “o conceito de “fundamentalismo” é associado à adesão a uma verdade, mas poderia ser pensado na relação com a intolerância diante de quem compreende possuir e viver outra percepção dessa verdade” (VASCONCELLOS, 2008, p. 15).

O fenômeno do fundamentalismo religioso no Brasil foi lentamente assimilado no contexto protestante norte-americano, entre os anos de 1878 e 1879 – usado pela primeira vez em referência aos fundamentos da fé cristã, em defesa da inerrância e infalibilidade bíblica, frente aos avanços das ciências, e às críticas à Bíblia [livro sagrado] e à teologia europeia (ALMEIDA, SILVA e MARTINS, 2021, p. 11-12).

Assim, é no viés bíblico e na sua leitura fundamentalista, sem o devido cuidado com a adoção de uma hermenêutica adequada, que o termo ganha relevância no contexto social supracitado, e é utilizado por alguns como instrumento para encobrir motivações sociológicas, psicológicas e até mesmo políticas.

Além disso, conservadores passaram a defender entre 1909 e 1915 a publicação de uma série de volumes denominada *The fundamentals: a testimony to the truth* (Os fundamentos: a testemunho da verdade). A obra foi financiada pelo empresário californiano Lyman Stewart, fundador da Union Oil e um devoto presbiteriano, que passou a qualificar esse movimento como fundamentalista, ao dispor sobre os fundamentos da fé cristã, tais como: a inspiração e a inerrância da Bíblia; Trindade;

nascimento virginal e a divindade de Cristo; a queda do homem e o pecado original; a morte expiatória de Cristo para a salvação dos homens; a ressurreição corporal e a ascensão; o retorno de Cristo; a salvação pela fé e o novo nascimento, e, ainda, o juízo final (PANASIEWICZ, 2008, p. 2).

Desse modo, em decorrência desse precedente histórico americano, o termo “fundamentalista” é ainda usado para designar pessoas como:

Pastores, presbíteros e professores conservadores americanos de todas as denominações protestantes históricas que, em nome dos “fundamentos”, organizaram-se para defender a fé cristã do que entendiam como invasão do liberalismo em seus seminários e igrejas (VASCONCELLOS, 2008, p. 32).

Expressam-se, assim, verdades que devem ser aceitas sem possibilidade de discussão ou reflexão, porque supostamente constituem “verdades absolutas”. O fundamentalismo, desse modo, apresenta uma faceta de fanatismo, sendo esse o termo usado por Paulo Freire na obra *Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1975) – obra que, em seu contexto, aborda a luta pela desalienação, pelo trabalho livre, pela afirmação dos seres humanos como pessoas e não coisas. Freire associa o termo fundamentalismo sempre a algo destrutivo e com conotação negativa.

Desse modo, o fanatismo é entendido como uma ideologia ou crença em que se absolutiza uma dimensão da verdade, sendo, portanto, autoritária (ALMEIDA, SILVA e MARTINS, 2021, p. 12) e não dialógica, muito menos crítica.

Fundamentalismo envolve controle, opressão e manipulação. A ausência de reflexão e admissão passiva de

conteúdo beneficia apenas interesses privados e individuais ou, ainda, interesses daqueles que visam assegurar a perpetuação de poder nas mais distintas esferas sociais.

O movimento fundamentalista religioso é, portanto, um movimento de divisão entre pessoas, de submissão de poder e de manipulação (social e moral) com interesses que não guardam relação com a busca de igualdade e justiça social.

Surge assim a necessidade de uma educação que vise a dimensão integral do ser humano, que o leve a um dinamismo educativo crítico e ativo, superando sua condição de passividade – da qual interesses escusos se beneficiam.

Assim afirma Panasiewicz a respeito do movimento fundamentalista: “O movimento fundamentalista tem articulado religião e política como uma forma de fazer valer os valores cristãos a partir de sua concepção teológica”; e, em sua forma atual, intitulada pelo autor como neofundamentalismo, volta-se sobretudo para questões de ordem moral (PANASIEWICZ, 2008, p. 4).

O fundamentalista é, portanto, aquele que está muito mais interessado em acreditar literalmente na letra da doutrina do que em fazer vivenciar a vida no Espírito, e se recusa por insegurança, medo ou passividade a adotar uma interpretação atualizada, por temer perder aquilo que considera sua verdade original e primitiva.

O fundamentalista conclui, assim, que se sua maneira de apreender a verdade é, portanto, absoluta, ninguém mais poderá chegar à verdade a não ser por meio da sua forma de apreendê-la. Esse pensamento, entretanto, é gerador de intolerância e desprezo ao outro e às outras formas de se compreender a verdade, causando, sobretudo, práticas violentas. O fundamentalismo,

seja como fenômeno, movimento ou atitude, é um desafio ou até mesmo um obstáculo para o diálogo e para a reflexão, mormente a respeito da complexidade da condição humana e da sua relação com o sagrado (PANASIEWICZ, 2008, p. 9-10).

Todas as formas desse pensamento contrariam o entendimento de Paulo Freire, pautado na liberdade e na condição dialógica e crítica do indivíduo, em seu processo de construção de subjetividade, não apenas de forma individual.

Ainda, ao discorrer sobre Paulo Freire, Souza classifica o fundamentalismo religioso como uma das três correntes de ideias neoconservadoras no Brasil atualmente¹ e cita como exemplo o movimento “Escola sem Partido” – definido desde 2004 como uma iniciativa nacional e democrática de pais e estudantes preocupados com o que eles entendem como contaminação político-ideológica das escolas e que tem como objetivo barrar a dita doutrinação dos alunos com a visão de mundo ideológica dos professores. Mas, na realidade, esse movimento, conforme Souza, visa silenciar alunos e professores impedindo o diálogo (SOUZA, 2020, p. 100).

Nesse cenário desafiador imposto pelo pensamento fundamentalista e seus derivados, tais como o neo-fundamentalismo e o neoconservadorismo, que impossibilitam o diálogo e a criticidade, tão importantes para o desenvolvimento da consciência humana livre e integrada, é que o pensamento de Paulo Freire a respeito da consciência crítica e o que ele entende como educação, ou educações, se mostra relevante.

¹ Segundo Souza (2020, p. 100), as três correntes que propagam ideias neoconservadoras no Brasil são: libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o antigo anticomunismo. A primeira defende o menor Estado possível e entende que qualquer situação que tenha origem em mecanismos de mercado é justa por si, por mais desigual que pareça. O fundamentalismo religioso tem ganhado força a partir dos anos 1990, por um setor mais conservador da Igreja Católica. O anticomunismo é um movimento político e ideológico contrário ao comunismo e que sempre existiu e conquista espaço nas mídias hodiernas.

2 Educação e consciência crítica e ética em Paulo Freire

O pensamento de Paulo Freire é sempre um universo a ser estudado, pois o autor procurou conhecer o ser humano tanto a partir das suas múltiplas possibilidades de aprendizado e educação, assim como a partir das tentativas de sua desumanização – tentativas impostas por situações externas ao sujeito. Sua rica antropologia, geradora de uma ética e uma filosofia da educação, possibilitam à pessoa, isto é, à subjetividade humana mediada pela própria consciência crítica, rever princípios, teorias e práticas que podem aprisionar ou libertar o espírito humano. A educação em Paulo Freire é uma palavra-chave que identifica a sua vida e acompanhou todo o seu itinerário como educador e ser humano preocupado com as consciências. O ensino e os processos de formação do sujeito – da subjetividade – estiveram entre as maiores buscas do pedagogo e filósofo brasileiro.²

Para o intelectual brasileiro Cristóvão Buarque, Paulo Freire pode ser considerado como um dos poucos, no Brasil, que influenciaram e formaram o pensamento de uma geração, dentro e fora do país, lançando as bases para um humanismo pedagógico e filosófico (GADOTTI, 1996, p. 656).

O pensamento educacional de Freire nasce e se desenvolve a partir da sua história de vida. Porque para Freire a educação devia ir além do mero aprendizado sistemático na escola. Freire falava em educação ou alfabetização social, isto é, falava da

² Cf. JESUS, R. M. “Paulo Freire pedagogo e filósofo”. In: CARDOSO, D. (Org.). **Pensadores do século XX**. São Paulo: Loyola/Paulus, 2012, p. 43-61. O texto faz uma interessante análise – provocadora e corajosa – acerca da herança pedagógica e filosófica do pensamento de Paulo Freire. Na página 43, faz a seguinte constatação: “Paulo Freire pedagogo [...] não nos causa surpresa, estamos acostumados a identificar Freire como um dos grandes pedagogos do século XX. Já a segunda definição costuma ser vista com certa desconfiança, uma vez que o estudo da obra freireana não figura nos currículos dos cursos de Filosofia [...] situação no mínimo curiosa. Por que um autor tão marcado pela filosofia (fenomenologia, existencialismo, personalismo, hegelianismo, marxismo, escolanovismo e o desenvolvimento do Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e que possui um pensamento estruturado a partir de categorias filosóficas não é estudado nos cursos de Filosofia? Por que esse pensador é tão pouco investigado filosoficamente mesmo nos cursos de Pedagogia?”.

necessidade de o aluno conhecer, analisar e se apropriar também dos problemas sociais que o afligiam. Não via o processo educativo simplesmente como meio para dominar os padrões acadêmicos de escolarização ou para se profissionalizar, mas como uma necessidade de engajamento³, ou seja, de estímulo para que o povo participasse do seu processo de emersão na vida pública no todo social (BRANDÃO, 2005, p. 53).

O próprio Paulo Freire assim se expressa, em um livro dialógico:

A alfabetização e a educação, de modo geral, são expressões culturais. Não se pode desenvolver um trabalho de alfabetização fora do mundo da cultura, porque a educação é, por si mesma, uma dimensão da cultura. Parece-me fundamental, porém, na prática educativa, que os educadores não apenas reconheçam a natureza cultural do seu fazer, mas também desafiem os educandos a fazer o mesmo reconhecimento. Reconhecer, contudo, a natureza cultural da educação não significa abençoar toda expressão cultural, mas reconhecer que a própria luta pela superação do que Amílcar Cabral chamava ‘fraquezas da cultura’ passa pela assunção da própria fraqueza. Daí que a educação deva tomar a cultura que a explica, pelo menos em parte, como objeto de uma cuidadosa compreensão, com o que a educação se questiona a si mesma. E quanto mais se questiona na cultura e na sociedade em que se dá, tanto mais vai se tornando claro que a cultura é uma totalidade atravessada por interesses de classe, por diferenças de classe, por gostos de classe (FREIRE, 1990, p. 33).

A sua visão de educação está em estreita relação com a ideia de consciência crítica, formadora e emancipadora da subjetividade do sujeito envolvido em processos humanos

³ Cf. A ideia de engajamento no pensamento de Paulo Freire foi analisada de forma sintética e concisa por: ANDREOLA, B. Engajamento. In: STRECK, D. R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 148-149. O autor compreende que o termo “engajamento” influenciou Freire, à medida que ele teve contato com o sentido francês presente em Jacques Maritain e em Emmanuel Mounier. Para Andreola, foi na época em que Mounier passou a exercer influência em grupos cristãos de esquerda europeus que o viés de “cristandade” foi superado pelo de “laicidade”.

e sociais. As suas obras sobre o tema da consciência e conscientização exprimem um lento e contínuo amadurecimento sobre a sua visão de educação.

Eis suas principais obras sobre o tema da consciência e a Educação: **Educação como prática da liberdade** (FREIRE, 1975); **Pedagogia do oprimido** (FREIRE, 1975); **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** (FREIRE, 1980); **Ação cultural para a liberdade e outros escritos** (FREIRE, 1982); **Educação e mudança** (FREIRE, 1985); **Medo e ousadia** (FREIRE; SHOR, 1997); e **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** (FREIRE, 2013).

Em Paulo Freire, a visão de educação advém da própria compreensão do ser humano e de consciência, contribuindo para uma perspectiva sobre a formação da subjetividade⁴ a partir de uma ética humanista e emancipadora do sujeito. Na sua abordagem acerca do ensino e da educação é central o humanismo, proveniente do seu contínuo contato epistemológico com uma visão dialética e fenomenológica (TORRES, 2014, p. 82). Freire não repete as estruturas de pensamento da tradição filosófica centrada no sujeito, mas busca inovar a partir do desafio da realidade do oprimido, em diálogo com os instrumentos de análise da reflexão teórica.⁵ Foi da dialética e da fenomenologia que Freire buscou vencer o relacionamento oposto entre teoria e práxis, superando o que não deve ser feito num nível idealista, ampliando sua visão sobre o ser humano e a educação.

4 Cf. MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986. p. 85-103. Analisando o específico da “abordagem sociocultural”, percebe que esta preocupação de Freire com a cultura popular advém após a 2ª Guerra Mundial com o movimento de democratização da cultura. Eis porque, no todo da sua obra, o homem é o sujeito da Educação, primeiro responsável pela formação da sua consciência.

5 Cf. ZITKOSKI, J. J. Dialética. In: STRECK, D. R. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 115-117. Para este autor, a originalidade de Freire está na superação de uma forma de pensar totalizante da vida, pois ele busca construir crítica e criativamente novos elementos para conceber a vida humana em sociedade de modo radicalmente democrático e libertador; ao elaborar uma nova visão epistemológica a partir da produção do conhecimento de forma dialógica, intersubjetiva e dialeticamente aberta para o dinamismo da vida, a diferença e o inédito viável, além de inspirar profundas inovações na visão política e ética dos problemas que desafiam o mundo atual.

As três características ou expressões criadas por Paulo Freire sobre o ser humano – *ser mais*, *ser inacabado* e *sujeito esperançoso* – nos dão condições de perceber a sua visão integral, positiva, transcendente e aberta, base para um diálogo interdisciplinar com a reflexão ético-teológica. Destacamos que tais expressões estão em relação com outras três que Freire mesmo cunhou como importantes na análise crítica, abrangente e interdisciplinar sobre o mundo, o homem e a sociedade (CALADO, 2001, p. 29). Notamos, portanto, que na complexa e rica perspectiva de Paulo Freire, situa-se a consciência crítica ou conscientização. É, portanto, nesta sua visão antropológica que se encontra a sua original percepção criativa no que tange ao processo educacional.

Esta tríplice perspectiva da antropologia freireana articula a dimensão de curiosidade, mola propulsora do dinamismo educativo. Para Freire, a criatividade encontra-se no próprio ato educativo e este provém da criticidade. O dinamismo educativo que deve ser crítico – levando à conscientização – é a perspectiva de superação da primitiva condição de passividade,⁶ própria do sujeito não reflexivo, para a consciência de que o ser humano é inconcluso e chamado a ultrapassar a sua tendência de “submissão, ajustamento, acomodação e não integração” (TORRES, 2014, p. 22).

Para Freire, não existe “a educação”, mas “educações”, ou seja, formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser. Basicamente, as várias “educações” se resumem em duas: uma, que Freire chamou de “bancária”, que torna as pessoas menos humanas, porque alienadas, dominadas e oprimidas; e outra, a “problematizadora”, que faz com que as pessoas deixem de ser o que são, para serem mais conscientes, mais livres e mais humanas (ROMÃO, 2010, p. 133).

⁶ Cf. TROMBETTA S.; TROMBETTA L. C. Inacabamento. In: STRECK D. R. (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 221. Nesta análise, própria deste verbete, de forma sintética, o autor faz uma relação da ideia de inacabamento com a de ética e antropologia no pensamento de Freire.

Nesta referência de denúncia a um projeto educativo que não favorece o pensar e a formação de uma consciência crítica que se apresenta o novo desafio referente ao fundamentalismo – e ao fanatismo e às polarizações. Toda expressão ideológica que impeça a total prática da reflexão livre já é, *per si*, uma forma de domesticação e empobrecimento da rica antropologia da pessoa, em sua integralidade.

Nesse sentido, o fundamentalismo religioso é uma forma nostálgica e romântica de ver o mundo a partir de uma visão sem conflitos, como se o passado no contexto de uma visão religiosa fosse uma realidade a ser vivida sem questionamentos ou uma consciência crítica (ALMEIDA, 2021, p. 52). Assim, o tema em questão desafia-nos a buscar uma perspectiva que supere a “civilização do oprimido”⁷, conceito em que os opressores de todas as épocas constroem narrativas fundadas em crenças e não na verdade da pessoa.

Deste modo, é importante, nesta conjuntura complexa, retomar o pensamento de Paulo Freire no que concerne à educação, à consciência, à opressão e à sua visão da religião. A partir do que Freire diz é possível pensar a necessidade de uma formação do sujeito que – pela sua condição de criticidade – supere as opressões que aos poucos desumanizam o ser humano.

3 A Contribuição do pensamento de Paulo Freire diante da narrativa fundamentalista religiosa

Na atual conjuntura brasileira, de ambiguidades, ambivalências e contradições profundas que vêm à tona, expressões ideológicas, polarizadoras e até fanáticas, também

⁷ Expressão extraída de ROMÃO, José Eustáquio. Civilização do oprimido. In: SCOCUGLIA, Afonso Celso (org.). Paulo Freire na história da educação do tempo presente. São Paulo: Edições Afrontamento, 2006. p. 44.

ocupam a discursividade midiática e as consciências humanas. Podemos encontrar no pensamento de Paulo Freire, no que toca à consciência crítica, uma oportunidade de repropor a centralidade do processo educativo como referência para a boa sociabilidade, diante dos excessos do fundamentalismo religioso.

A relação de Freire com a religião acontece desde os primeiros momentos de sua formação intelectual e de sua militância educacional enquanto cristão, de formação católica e marxista (CORTELLA; VENCESLAU, 1992 a). A sua visão é libertadora com aproximação das ideias do humanismo cristão. A natureza profética e utópica de seu pensamento encontrou como cenário favorável de afirmação a realidade de miséria e opressão das populações do Terceiro Mundo, especialmente da América Latina, onde surgiu e se desenvolveu a teologia da libertação para a qual ele deu uma importante contribuição (TORRES, 1981).

Sendo filho de um pai membro de círculos espíritas e de uma mãe católica, desde cedo Freire aprendeu o respeito mútuo pelas crenças. Mesmo tendo optado pelo catolicismo em sua juventude, sentiu à época a enorme distância que havia entre o evangelho anunciado e a prática do cristão, o que o motivou a um certo distanciamento da Igreja. As leituras de Tristão de Atayde, posteriormente, auxiliaram-no a descobrir um cristianismo ativo e através da Ação Católica será “empurrado” para os mangues e favelas de Recife (STRECK, 2010, p. 179).

Para Freire, todo tipo de fundamentalismo, fanatismo ou fatalismo não se coaduna com o pensar crítico, ainda mais o de matriz religiosa. Segundo ele, o problema não está na religião, quando proporciona a libertação das consciências dos sujeitos, mas num formato que impede a pessoa de ser quem é, domesticando

sua capacidade propriamente crítica (FREIRE, 1993, p. 82). Na sua perspectiva reflexiva, as igrejas não podem refugiar-se numa pretensa neutralidade, mas assumir o papel profético de denúncia e de anúncio. A Páscoa precisa ser existenciada na concretude da vida e da história. Consequentemente, a Igreja, segundo Freire, precisa ser “andarilha, viajeira constante, morrendo sempre e sempre renascendo” (FREIRE, 1982, p. 126).

Polarizações políticas e fanatismos ideológicos são expressões que indicam a incapacidade de um pensar crítico que favoreça o sujeito humano no despertar das suas potencialidades e a sua magnanimidade (HOLE, 2000, p. 21). Estes dois fenômenos são nada mais que a reverberação de uma ideologia dominante que suprime ou impede a pessoa de ler o mundo, o seu mundo e, principalmente, o seu entorno. Estes fenômenos e revestem de certa sofisticação, gerada pelas tecnociências, mas no fundo são uma forma de promover a miopia reflexiva, para “aceitar facilmente que o que estamos vendo e ouvindo é, de fato, o que realmente é, e não uma distorção do que é” (FREIRE, 1975, p. 11).

Em linhas gerais, o fundamentalismo é caracterizado como uma espécie de convicção pessoal condicionada pela estrutura de personalidade, diante de uma visão reduzida de um objeto com valoração reduzida pelo próprio sujeito em sua constituição pessoal. Este, ao mesmo tempo que permanece envolvido com essa idealização, identifica-se de tal modo com o objeto ou visão que se deixa anular, incapacitando o diálogo com outras perspectivas distintas desta construída em sua subjetividade (HOLE, 2000, p. 32). A perspectiva aludida, direcionada ao fenômeno religioso, impacta no modo do sujeito vivenciar sua fé dentro de um horizonte de crenças e de sistemas religiosos.

Tanto o fundamentalismo como o fanatismo e/ou a polarização acentuada podem ser considerados como a infiltração da própria ideologia dominante que tende a suprimir uma forma de ver e ler a realidade de maneira mais crítica e consciente. As ideologias, deste modo, com outros nomes ou convicções, não apenas distorcem a verdade como tendem também a suprimir a natureza crítica necessária para ver as fontes da opressão presentes na subjetividade da pessoa envolvida com esta falsa apreensão da realidade.

Para Paulo Freire, é necessário um caminho educativo que faça superar esta motivação de base, geradora de certo empobrecimento de visão de mundo. Seu percurso biográfico e bibliográfico atesta a preocupação na busca, pela educação crítica, de repensar o ser humano em evolução consciente, crítica e integral, diante dos desafios e problemas contemporâneos. Percebe-se a importância de explicitar a contribuição de Freire na sua análise acerca do educar a consciência. Destaca-se que no horizonte pedagógico tal contribuição possui uma operacionalidade e prática fundamental.

Para Freire, a consciência, destituída de crítica gera acomodação. A conscientização, enquanto uma fase, é a própria pessoa em ação de transformação no seu contexto. Sendo assim, o aspecto político-social desponta como fundamental para a análise geral da pessoa e da sua consciência.

O pensamento de Paulo Freire sobre a educação e o ensino, proveniente da sua antropologia e ética, pode ser considerado como inovador diante das teorias clássicas da educação que viam no sujeito cognoscente – isolado do seu contexto – o que aprende e ensina (JESUS, 2012, p. 43), em detrimento dos condicionamentos e determinações. Pode-se dizer que, a partir de Freire, é necessário ser crítico a todo tipo de fundamentalismo que impeça ao sujeito de *ser mais*.

Em Freire, a consciência crítica ao operar na subjetividade da pessoa que vive no meio sociopolítico propicia um caminho de reflexão e alarga as possibilidades de crescimento. A consciência é fundamental para a formação de sujeitos capazes de superar o fundamentalismo. Freire considerava tais perspectivas não só como dominantes e distorções da verdade, mas também como supressoras da natureza crítica necessária para ver fontes verdadeiras de opressão.

Na **Pedagogia da esperança** (FREIRE, 1993), o autor explicita de forma clara e precisa a diferença de fundo entre conceber a história como possibilidade ou reproduzir concepções fatalistas no modo de olhar para a realidade que nos cerca e nos desafia quotidianamente. A sua crítica às visões fatalistas tem como ponto de partida a própria concepção de ser humano e implica uma forma de pensar nossa existência em sua concretude histórica, com os limites e o potencial de realização de cada pessoa em sua vocação para *ser mais*.

O pensar crítico e a consciência da forma de ser no mundo, segundo Freire (1994), convergem para um modo coerente de conceber a história que – refutando veementemente os fatalismos, determinismos, polarizações e o fomento de ideologias – confere à espécie humana a capacidade e a responsabilidade de definir, por si mesma, o próprio futuro para si e para o mundo. Nesse sentido, Freire explicita sua crítica a toda e qualquer forma de fatalismo ou reducionismo ideológico (polarização política) tanto de “direita” como de “esquerda”.

Portanto, segundo o pedagogo brasileiro, não é possível nos concebermos como seres humanos sem as dimensões vitais do sonho e da esperança que movem a autêntica utopia de um futuro melhor para a humanidade. Refutando todas as formas

de polarização e fanatismo ideológico, Freire insiste no modo dinâmico de compreender nossa existência no mundo – modo pelo qual buscamos transcender a nós mesmos, a partir da busca permanente de *ser mais*, que implica em transpor concretamente todas as barreiras que atrofiam nosso potencial enquanto seres históricos, inacabados e em busca de sermos mais livres, felizes e, portanto, mais humanizados.

Considerações finais

O pensamento de Paulo Freire pode ser considerado como uma fonte de inesgotável criatividade para a formação da consciência no contexto brasileiro. Em sua visão, o ser humano é chamado a uma contínua emancipação criativa e crítica mediante um progresso de compreensão de sua consciência no mundo. No horizonte de fundamentalismo religioso aqui tratado, sua visão de mundo é sugestiva para distinguir o sentido de pertença religiosa a uma certa visão cega de religiosidade. Assim, embora tenha sido um homem que acreditava no poder transformador e formativo da religião, Freire era crítico a todo tipo de domesticação da consciência. Seu humanismo realista e concreto propicia, portanto, uma visão de mundo centrada na capacidade de superação de todo tipo de situação que conduza à opressão.

Na atual cultura midiática e pós-moderna, marcada por ambiguidades e esperanças, há a necessidade de melhor compreender as polarizações e os fanatismos que empobrecem a busca humana pela realização. À luz de Freire, esse complexo fenômeno se identifica como uma forma mais sofisticada de

opressão e anestesiamento da consciência crítica. Faz-se, então, mais que necessário revisitar a literatura freireana e ali captar contribuições para identificar os desafios em plena era tecnológica.

Em linhas gerais, o contínuo processo do educar é, na perspectiva freireana, a ferramenta ou a via mais viável para superar todo tipo de opressão, anestesiamento da criatividade e criticidade, assim como as novas formas de polarizações e fanatismos ideológicos em voga no contexto de rápida transmissão de informações. Na obra de Paulo Freire, a Teologia, como reflexão crítica da fé, aparece como elemento constitutivo de sua reflexão pedagógica ao lado da Filosofia, da História e de outras disciplinas. Ele tinha uma profunda fé marcada, sobretudo, por uma crença no ser humano, capaz de *ser mais*. Deste modo, esta fé no ser humano é capaz de conduzir o sujeito a superar sua visão ingênua, alienante e fundamentalista, e trocá-la por uma visão de teor profundamente crítico e emancipador.

Assim, conclui-se que a visão freireana de consciência crítica pode hoje ser considerada como um antídoto necessário diante do famigerado fundamentalismo religioso. Porque podemos encontrar em sua obra e no seu pensamento uma oportuna perspectiva que concebe o ser humano não como um domesticado pela forma vigente de mentalidade, mas como um sujeito rumo a uma liberdade promovida pela própria capacidade reflexiva.

Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. **Moral social**. Coleção Iniciação à Teologia. Petrópolis: Vozes, 2021.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de; SILVA, Lucia Elisa Ferreira da; MARTINS, Mário Roberto de M. Novos ventos de fundamentalismo religioso no Brasil: colonização midiático-digital na formação da consciência. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 81, n. 318, p. 8-29, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v81i318.2563>. Acesso em: 13 jun. 2021.

ANDREOLA, Balduino. Engajamento. In: STRECK, Danilo R. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 148-149.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire: sua visão de mundo, de homem e de sociedade**. Caruaru: FAFICA, 2001.

CORTELLA, Mário Sérgio; VENCESLAU, Paulo de Tarso. Paulo Freire. Revista **Teoria & Debate**, São Paulo, n. 17, p. 28-40, jan./mar. 1992.

FREIRE, Paulo; MACEDO Donaldo. **Alfabetização. Leitura do mundo. Leitura da palavra**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.